A ESFINGE DE NINA RODRIGUES[I]

The sphinx of Nina Rodrigues

La esfinge de Nina Rodrigues

FILIPE PINTO MONTEIRO[II*]

http://doi.org/10.1590/S2178-149420250609

[I] Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Passos, MG, Brasil.
[*] Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail: filipe.monteiro@uemg.br
https://orcid.org/0000-0001-8653-668X

Artigo recebido em 20 de abril de 2025 e aprovado para publicação em 29 de outubro de 2025.
Editora responsável: Juliana Marques.

CC BY

Resumo

O artigo resgata os intérpretes da produção erudita do médico e antropólogo maranhense Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) e se soma às novas leituras acerca de seus trabalhos. A historicização das famílias intelectuais que se consolidaram após sua morte revela posicionamentos, ora divergentes, ora convergentes. As propostas mais recentes se distanciam das leituras tradicionais que o acomodaram dentro de uma rígida matriz darwinista-social. Complexificam a visão de Nina Rodrigues sobre as relações sociais, culturais e raciais na Bahia e no Brasil, expondo um personagem que se revelou um entusiasta de uma nova literatura socioantropológica e psicológica que se contrapunha ao cientificismo oitocentista.

Palavras-chave: Nina Rodrigues, Paradigma rodrigueano, Intérpretes do Brasil, Racialismo, Socioantropologia e psicologia, Ciência.

Abstract

This article revisits the interpreters of the scholarly work of the physician and anthropologist from Maranhão, Raimundo Nina Rodrigues (1862–1906), and contributes to recent readings of his work. The historicization of the intellectual circles that emerged after his death reveals both divergent and convergent positions. Recent approaches depart from traditional readings that confined him within a rigid social Darwinist framework, offering a more complex view of Nina Rodrigues's perspective on social, cultural, and racial relations in Bahia and Brazil. They reveal a figure who embraced a new socio-anthropological and psychological literature that challenged nineteenth-century scientism.

Keywords: Nina Rodrigues, Rodriguean paradigm, Interpreters of Brazil, Racialism, Social anthropology and psychology, Science.

Resumen

El artículo recupera a los intérpretes de la producción erudita del médico y antropólogo Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), de Maranhão, y se suma a las nuevas lecturas sobre sus obras. La historicización de las familias intelectuales que se consolidaron tras su muerte revela posiciones a veces divergentes, a veces convergentes. Las propuestas más recientes se alejan de las lecturas tradicionales que lo acomodaron dentro de una rígida matriz darwinista-social. La visión de Nina Rodrigues se vuelve más compleja sobre las relaciones sociales, culturales y raciales en Bahía y en Brasil, exponiendo a un personaje que se reveló entusiasta de una nueva literatura socio-antropológica y psicológica que se oponía al cientificismo del siglo XIX.

Palabras clave: Nina Rodrigues, Paradigma rodrigueano, Intérpretes de Brasil, Racialismo, Socio-antropología y psicología, Ciencia.

Apontamentos iniciais

A notoriedade de uma escola de pensamento, dentro da realidade do Brasil contemporâneo, em geral, quando formada, se dá pelas mãos de seus prosélitos, mais ou menos aguerridos. A partir de sua vulgarização entre as camadas letradas e acadêmicas da sociedade, invariavelmente depara-se com legítimos contestadores. Um fenômeno histórico de grande riqueza foi a idealização da "escola baiana", cuja edificação foi sustentada pela imagem e pelos trabalhos do médico maranhense Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906).

A despeito das recorrentes descrições de um indivíduo de perfil pálido e melancólico, dizem seus memorialistas que ele era um homem enérgico e que suas atividades profissionais foram marcadas por um espírito irrequieto e contestador (Bacelar, 1977; Lima, 1934; Portela, 1956; Santos, 1962). O que de fato ocorreu, a partir da constatação de seu papel na prática clínica, nos serviços de perícia, na docência do curso de Medicina em Salvador, nas visitas asilares, na presença em comissões de higiene e sanitarismo, nas extensas pesquisas etnológicas, entre outras áreas de atuação. É a imagem lapidada de um personagem que inspirou inúmeros cientistas e intérpretes do Brasil, em especial na primeira metade do século XX.

Adepto inconteste do racismo científico e da inferioridade do negro africano, do afro-baiano, do indígena brasileiro, e do "mestiço", produto "híbrido" único destas terras, suas formulações teóricas e hipóteses de trabalho também indicaram, para além destes postulados costumeiros, um percurso divergente, não explorado pela comunidade acadêmica por longo tempo. Em outros termos, pesquisas recentes revelam que parte significativa e central das investigações de Nina Rodrigues foi elaborada a partir de significados e significantes não deterministas, afastados, quando não opostos, ao racialismo, fazendo do *paradigma rodrigueano*, um objeto de análise problemático e singular.

A demarcação da existência de um repertório de autores e propostas de leitura sobre sua obra, assim como a historicização de tais linhagens e os conceitos manobrados por seus representantes, serão parte de nossos esforços nas linhas a seguir. A nítida constituição, ao longo de gerações, de uma tradição do Pensamento Social Brasileiro, diretamente voltada aos princípios elaborados pelo médico-antropólogo, tem resultado, nas duas últimas décadas, em um novo deslocamento teórico e interpretativo, enriquecendo o debate entre as concepções e projetos de pesquisadores dos mais variados domínios das ciências humanas e sociais.

CC BY

Um paradigma sem consenso

Em 1944, no texto "Nina Rodrigues recordado por um discípulo", Gilberto Freyre declara em tom de veneração que o intelectual maranhense fora um de seus mestres. As declamações (e lamentações), próprias de seu estilo ensaísta, deixam às claras sua reverência. Publicado como prefácio à obra de 1945 *Atualidade de Nina Rodrigues* de Augusto Lins e Silva (1882-1952), foi reunido tempos depois com outros ensaios de jornais, revistas e livros, na coletânea *Perfil de Euclides e outros perfis* (Freyre, 1987). Nina é tratado, nada menos, como o responsável pela "orientação do moderno sociólogo, do moderno antropologista, do moderno psiquiatra social" (Freyre, 1987: 196).

Um trabalho sério e compromissado sobre a presença e a importância de Nina Rodrigues no pensamento de Gilberto Freyre ainda está por ser feito. Tal proposição seria bem-vinda, posto que, a despeito dos elogios em *Casa Grande e senzala* (1933) e *Ordem e progresso* (1959), o médico maranhense também foi alvo de críticas por parte do escritor pernambucano, fosse nos livros ou nas crônicas de jornal, como em *Precursores esquecidos*:

> Foi Roquette Pinto o primeiro, entre nós, a distinguir com nitidez de espírito crítico e segurança de saber científico, o "mestiço doente" do "mestiço", repelindo a idéia de patologia da miscigenação a que se afeiçoara Nina Rodrigues nos seus estudos sobre o problema do africano no Brasil (Freyre, 1942 *apud* Maio; Santos, 2010: 77).

Apoiado ou não em Edgard Roquette Pinto (1884-1954) – antropólogo cuja reciprocidade aos elogios a Freyre também se fez pelas colunas de jornais (Souza; Lima, 2013) –, fato é que a narrativa laudatória a Nina se manteve viva. Destacando-o dentre os medíocres, Freyre (1987: p. 196) enxergava no precursor de uma geração alguém comprometido com as "inquietações brasileiras" de então. Destas, a "esfinge do nosso futuro – o problema 'o negro' no Brasil" (Rodrigues, 1976: 9), como definiu o médico, sabemos, tornou-se a pedra de toque dos cientistas sociais das gerações "pós-rodrigueanas", entre eles o escritor pernambucano.

Nos anos 1930 e 1940 já era possível afirmar que as teses cientificistas e darwinistas-sociais, em suas vertentes mais agressivas, foram questionadas nos meios acadêmicos e literários brasileiros. Isso não impediu a popularidade das propostas eugenistas, enquanto políticas de depuração racial e social (Stepan, 2005). Rodrigues, no entanto, permaneceu vinculado ao racialismo oitocentista e continuou a assombrar seus admiradores e opositores, com os primeiros constrangidos pelos "novos tempos", perfilando-se em uma das tantas "famílias intelectuais" – para usar um termo caro a Gildo Marçal Brandão (Brandão, 2005: 232, 238 e 242) –, porém sem saber como traduzi-lo, ou o fazendo de maneira desarrazoada.

Tal fenômeno levou a interpretações sobre sua obra que oscilavam entre a detração, a admiração e a detração-admiração – esta última a mais cativante, porque dúbia e incômoda para os seus seguidores. Estes sempre depositavam no "pensamento filosófico e científico da época" os equívocos cometidos pelo seu líder-maior. Acusado de uma espécie de "crime culposo intelectual", tornou-se objeto de afirmações como a do professor e antropólogo pernambucano Waldemar Valente (1908-1992), para quem foi vítima "Dêste tempo em que esteve integrado e do qual não podia libertar-se inteiramente" (Valente, 1955: 57). Ainda assim, segundo Valente, ele fora capaz de antecipar-se e empregar o "método comparativo no estudo dos afro-brasileirismos", usado com sucesso pelos etnólogos modernos (Valente, 1955: 57).

Nina parecia, a muitos, restringido, cerceado pelos consensos epistemológicos de seus pares, em especial os social-darwinistas europeus. Thales de Azevedo (1904-1995), sociólogo baiano, assegurou, em sua genealogia dos cientistas sociais da Bahia, que os seus preconceitos e mal-entendidos se deram pela predominância das "escolas francesa e italiana de criminologia, das escolas alemã em raciologia e inglesa em culturologia" (Azevedo, 1964: 48) Refere-se aqui às diferentes tendências teóricas e autores de renome, como os racialistas Cesare Lombroso (1835-1909), Alexandre Lacassagne (1843-1924), Ernst Haeckel (1834-1919) e o evolucionista cultural Edward Burnett Tylor (1832-1917) – este último, como veremos mais à frente, personagem central para o reexame do paradigma rodrigueano.

Conterrâneo de Azevedo, Edison Carneiro (1912-1972) foi o primeiro – e que permaneceu durante a primeira metade do século XX como o único, até onde a literatura especializada alcança – a contestar as certezas das interpretações sobre as formulações teóricas no seio da família rodrigueana. É preciso ter em mente que Carneiro também se considerava devedor da "escola baiana". Prestou suas devidas reverências quando assim foi exortado. Notou, porém, que havia indícios "respigando aqui e ali", diz, de inconsistências nas tentativas de Rodrigues para entender a condição de adaptação do negro africano no Brasil.

É interessante notar que, ainda em 1937, no texto "Homenagem a Nina Rodrigues", apresentado no 2º Congresso Afro-brasileiro (2º CAB), em Salvador, Carneiro reputava tais incongruências a um incômodo pessoal de seu homenageado. Diz Carneiro (1940: 333) que "felizmente as suas tendencias pessoaes contrabalançavam os defeitos da theoria". Com o tempo, o etnólogo soteropolitano julgou serem tais tendências não uma questão de cunho sentimental – como muitos defenderam frente aos esforços de Nina pela proteção dos candomblés, quando na realidade seu interesse era um escrutínio científico de seus praticantes –, mas sim teórica e jurídica. Ao pinçar, criteriosamente, informações discordantes nos

trabalhos de seu "mentor", Carneiro (1964: 210-211), em sua obra mais conhecida, *Ladinos e crioulos*, de 1964, afirma:

> Sob discreta correção do cientista, o cidadão às vezes se apresenta, revelando convicções que destoam das teorias com que orientava o seu pensamento. Como compreender, por exemplo, o seu trabalho sôbre a responsabilidade penal de negros e índios dentro do esquema lombrosiano? […] Poder-se-ia ver nisto uma crise de consciência, mas provàvelmente estamos diante de um forte indício de sua insatisfação ante a análise que a ciência do tempo lhe proporcionava [1].

Percebe-se aqui uma guinada em relação aos seus companheiros de escola. Para Carneiro, não é apenas o contexto social de época que inquieta Nina, mas os modelos de interpretação desta realidade. O médico se mostra insatisfeito, descontente, e como será mostrado mais adiante, até descrente, por exemplo, em relação às máximas da escola criminalista italiana, e foi isso que Carneiro percebeu em seus estudos. Estava aberto o caminho para uma revisão das leituras sobre as premissas do pensamento rodrigueano, algo que só ocorreria, de maneira esmerada, décadas depois.

Isso porque os admiradores, por sua vez, um tanto exasperados para manter imaculada a memória do fundador da medicina-forense no Brasil, tentaram absolvê-lo de toda e qualquer acusação. Foram muitos entre as décadas de 1930 e de 1970, caso do médico alagoano Estácio de Lima (1897-1984), professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia (UFBA), além de duas vezes diretor do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues. Ao relembrar o traumático incêndio de 1905 que consumiu parte das instalações da faculdade de medicina e do laboratório onde Nina realizava suas longas necrópsias e dissecações, descreveu o cientista que deu nome ao serviço de perícia da cidade como um "anti-racista decidido, apesar da contestação de algumas figuras ilustres mais recentes" (Lima, 1979: 58).

Os detratores, por fim, embora em menor número, também se fizeram ouvir. O mais estridente talvez tenha sido o sociólogo Guerreiro Ramos (1915-1982), que classificou como uma "antropologia de importação" as proposições de Rodrigues. Este e seus devotos teriam sido, em sua opinião, apenas copiadores, imitadores dos autores europeus. As manifestações de "êxtase" e "pacholice" seriam alguns dos traços característicos da escola que marcou época (Ramos, 1954: 203). Ao contrário de tantos outros, Guerreiro sequer oferece indulto a Nina diante das limitações do momento histórico em que vivia: o médico-legista era "no plano da ciência social, uma nulidade, mesmo considerando-se a época em que viveu" (Ramos, 1954: 204).

Com uma verve crítica menos acentuada, mas não menos afiada, um dos mais célebres e eminentes defensores das tradições afro-brasileiras e militante antirracista, o teatrólogo e

escritor Abdias do Nascimento (1914-2011) se posicionou frente à imagem monumentalizada do polêmico personagem. Ao historicizar o racismo brasileiro, o professor aponta corretamente o caráter "científico" da visão rodrigueana e suas vinculações com os estudiosos europeus, estes confiantes no embranquecimento das populações "inferiores", esperançosos, na segunda metade dos Oitocentos, com a aproximação do *fin de siècle* e a continuidade de uma *Belle Époque* europeizada, parisiense de preferência, e idílica.

Dramaturgo, fundador do Teatro Experimental do Negro (TEB), em sua obra *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*, de 1978, demonstra a insensatez de Rodrigues ao classificar a arte afro-baiana, em especial esculturas e pinturas, como "lamentavelmente deformadas", feitas com proporções inadequadas, sem requisitos básicos de uma "criação artística". Mais do que isso, embora não minucie o argumento – ou melhor, o faça, mas a partir de artistas inspirados por Rodrigues –, revela a nítida contradição entre o olhar da ciência esbranquiçada sobre o ofício manual do artista negro, o que revelaria sua "mente colonizada" (Rodrigues, 1976, p. 24, 279 *apud* Nascimento, 1978, p. 112-116).

O eterno pessimista?

Esse roteiro disputado entre os que mal e bem diziam de Nina permaneceu praticamente inalterado até a chegada da tese de doutorado de Mariza Corrêa, em 1982, intitulada *As ilusões da liberdade*. Desnecessário comentar a imprescindibilidade desse estudo, publicado como livro em 1998 e reimpresso em 2013. Seu objetivo nunca foi uma proposta de biografia histórica, mas uma leitura original, ou melhor, uma ressignificação, do que até então se sabia sobre a *escola* e o *paradigma rodigueanos*. Trabalho sociológico e histórico de ponta e peso, refugou estereótipos e clichês sobre o personagem e, acima de tudo, demonstrou que a "Escola Nina Rodrigues" foi criada à revelia de seu patrono, *post mortem*, como uma autópsia não autorizada e um diagnóstico de ideias expostas que, ao fim, eram inconciliáveis com as do mestre.

O que nos importa diretamente, é o retrato delineado de um intelectual que se encontrou em um "beco sem saída", como diz a autora, no momento mais adiantado de sua trajetória, ao perceber que as teorias raciais mais rígidas não lhe traziam respostas adequadas. Ou traziam de maneira limitada. O médico-etnólogo só sairia desse apuro ao abraçar novas leituras – na sua quase totalidade produzidas na Europa, mas não apenas –, ora complementares, ora opostas. Algumas diametralmente opostas. Corrêa não explora a fundo tais problemáticas, mas sugere que o vasto material relegado pelo médico não se circunscrevia apenas aos métodos racialistas radicais.

CC BY

A despeito do impacto de seu trabalho, muitos estudiosos não procederam como ela sugeriu. Roberto Ventura (1991: 52), em *Estilo tropical*, enxergou em Nina Rodrigues apenas um intelectual aferrado às propostas mais duras da inferioridade racial, comparando-o aos extremos de um Francisco Adolfo de Varnhagen. Lilia Schwarcz, por sua vez, em seu clássico *O espetáculo das raças* (1993), conquanto não faça uma análise detalhada da produção do antropólogo, traça algumas diretrizes que viriam a nortear vários de seus artigos posteriores sobre Rodrigues (Schwarcz, 1996, 2000, 2003, 2007, 2009a, 2013). A rigidez de suas análises, no entanto, termina por caracterizá-lo como o porta-voz mais ardente das formulações sobre a desigualdade das raças humanas, tal qual havia feito também o brasilianista Thomas Skidmore (1969, 2012).

Para Schwarcz, seus estudos tornaram-se uma espécie de símbolo ou emblema do que havia de mais pessimista e fixista (concepção de raças imóveis, estanques, sem mobilidade na escala de evolução) para as ciências médicas, antropológicas e, em especial, jurídico-criminológicas de seu tempo[2]. Consolida-se a imagem do "arauto da diferença" (Schwarcz, 2006: 52), ou para usar uma expressão evidente por si mesma, um "radical do pessimismo", título do perfil do médico na coletânea sobre intérpretes do Brasil, organizada pela autora (Schwarcz, 2009b).

A vertiginosa ascensão de Nina Rodrigues nos meios médico e acadêmico não havia sido objeto de um trabalho mais conciso entre as décadas de 1980 e 1990, até a publicação do artigo do sociólogo Marcos Chor Maio, focado na militância pela institucionalização da Medicina Legal e pelo reconhecimento de seu estatuto de cientificidade. Não obstante, a imagem do fundamentalista, cético no que concerte ao progresso dos povos negros, permanece intacta, "já que seriam inferiores biologicamente e, portanto, incapazes de se conduzirem como cidadãos em seus plenos direitos", afirma Maio (1995: 232).

Há, é verdade, em trabalho posterior, escrito junto ao antropólogo Ricardo Ventura Santos, uma tentativa de avanço para além desta leitura tradicional, em estudo comparativo de Nina Rodrigues, Silvio Romero e Euclides da Cunha, no que toca à apropriação de ideias raciais europeias. O trio revelaria "ambivalências, por vezes apresentando argumentos socio-antropológicos que questionam as bases das teorias deterministas" (Maio; Santos, 2010: 26).

Curiosamente, para os autores, as inquirições do próprio Nina – o "mais dogmaticamente racialista dos três" (Maio; Santos, 2010: 42, 48) – sobre o determinismo racial se resumiam à sua "paixão" pela cultura afro-baiana. Esta afetuosidade, que se apresenta na obra *O Animismo fetichista dos negros baianos,* não nos parece suficiente para explicar o efetivo deslocamento epistemológico de Rodrigues dos racialismos para os domínios variados da sociologia, antropologia e psicologia nascentes quando escrevia.

Como veremos adiante neste artigo, Rodrigues questionou, sim, as bases das teorias deterministas, mas apenas quando mobilizou todo um arsenal de autores que se contrapunham ao ideário racialista, ainda que o fizesse de maneira fragmentada, porém articulada. O fascínio pelas práticas religiosas da população negra de Salvador tinha um caráter puramente investigativo, propriamente científico e supostamente "neutro". Apoiado no que ele considerava como as práticas antropológicas modernas, decidiu pelas incursões em diversos espaços sagrados da população afro-baiana.

As descrições do que encontrou em suas andanças neste universo religioso da população negra e "mestiça" chamou a atenção do antropólogo Sérgio Ferretti, que menciona Nina Rodrigues em várias ocasiões na sua obra-prima *Repensando o sincretismo.* Segundo o autor, o médico era o nome maior do que classifica como a *escola evolucionista* e pensava nos "modos sincréticos" em termos de época, como "dualidade de crenças", "equivalência de divindades" e, sobretudo, "ilusão da catequese" (Ferretti, 1995: 41-43). É inusitado, entretanto, a constatação de que nos anos que se seguiram, Ferretti se somou à longa galeria de autores que, implícita ou explicitamente, procuraram algum grau de redenção para o estudioso maranhense e tal afirmação não é fortuita.

É conhecida a sugestão de Arthur Ramos (1903-1959) de que bastava trocar "raça" por "cultura" nos textos de Nina e a expiação do prócer da escola baiana estava garantida (Ramos, 1939: 12-13). Ferretti, nos parece, mostrou certa simpatia pela mesma estratégia, ao tecer comentários como o que se segue, sobre o livro *O Animismo fetichista*: "se fosse escrito alguns anos mais tarde, o livro teria outro título como por exemplo: Introdução ao estudo das religiões africanas na Bahia, ou então, Candomblés da Bahia" (Ferretti, 1999: 24).

Nina é, para Ferretti (1995: 43), o "pioneiro dos estudos sobre o sincretismo" no Brasil, como é para Yvonne Maggie e Peter Fry (2006: 10), "talvez o primeiro etnógrafo do Brasil urbano". O grau de aproximação de Ferretti da leitura de Ramos se manifesta em outros trechos de artigos e trabalhos posteriores como os escritos no centenário da morte do médico (Ferretti, 1999, 2006, 2014). Rodrigues, de acordo com o antropólogo, caso tivesse sobrevivido à indeterminada enfermidade que o acometeu "certamente teria revisto diversos de seus pontos de vista e afirmações sobre o negro que tornam ultrapassados, atualmente, inúmeras de suas perspectivas" (Ferretti, 2006: 55).

A obra *O animismo fetichista* (Rodrigues, 2006) é, sem dúvida, um dos seus trabalhos mais intrigantes e faz parte dos títulos da produção intelectual tardia de Rodrigues, a qual, de acordo com Mariza Corrêa, exige novas leituras e insights. A antropóloga Julian Peard, em seu livro sobre a medicina tropicalista baiana, fez o caminho inverso indicado

por Corrêa, ao não priorizar os trabalhos mais maduros do médico nordestino, mas sim os primeiros escritos de sua carreira – o que limita, cremos, a devida interpretação do autor. Peard sustenta a imagem que se perpetuou de um cientista obstinado pelos preceitos racialistas e que o possibilitou a vincular a incidência de certas psicopatologias aos "povos inferiores" – leia-se negros, índios e mestiços. Diz a autora:

> Por ser mais conhecido por seu trabalho pioneiro tardio em etnologia afro-brasileira e medicina legal brasileira, os primeiros escritos de Nina Rodrigues foram amplamente ignorados. No entanto, é nesses escritos, emergindo da prática clínica, que se revela a preocupação inicial de Nina Rodrigues com a questão da raça, uma preocupação que o levaria cada vez mais em direção ao determinismo da antropologia e da ciência racial do século XIX (Peard, 1999: 102, tradução nossa)[3].

Tudo indica que as concepções canônicas sobre o paradigma rodrigueano se agarraram no que havia de mais pessimista em suas teorizações, em especial no campo da criminologia e da medicina-legal. O racismo científico, suas resoluções "absolutas", sua maquinaria lombrosiana, seus prognósticos fatalistas, seus estigmas degeneracionistas, desestimularam leituras atualizadas, com grande potencial de renovação. Schwarcz (2007: 38, 2009b: 92), por exemplo, reafirmou, em mais de uma ocasião, que Nina Rodrigues "adotou um darwinismo social de forma bastante radical" ao "negar o evolucionismo social", algo que não se observa nas obras do autor, como veremos nos parágrafos adiante.

Quando do centenário da morte de Nina Rodrigues em 2006, Mariza Corrêa estava afastada do personagem há anos, dada sua dedicação à história das mulheres e aos estudos sobre gênero e feminismo. Nesse momento de rememoração, a autora constatou, com tom de assombro, a inexistência de novas releituras sobre seus trabalhos, em especial os mais conhecidos como, por exemplo, *As Coletividades Anormais* (Rodrigues, 1939). Em artigo da *Revista USP*, indicou a possíveis "pesquisadores interessados" que os textos "já tão analisados" de Rodrigues, deixaram rastros e vestígios para novas inflexões – tal qual também fizera Edison Carneiro anos antes, de maneira tímida[4].

E terminou com uma afirmação incisiva, mas até então, ignorada por longo tempo pela comunidade acadêmica: "Uma reflexão sobre até onde ia seu propalado determinismo e em que medida ele era posto em xeque pelas suas análises empíricas poderia, talvez, renovar as avaliações sobre seus estudos raciais" (Corrêa, 2005-2006: 139).

Um intelectual mal compreendido

Paralelamente ao cenário descrito anteriormente, a médica e historiadora Ana Maria Galdini Raimundo Oda (2003) percebeu que os diagnósticos feitos pelo médico psiquiatra, bastante controversos à época, como a *paranoia* e a *histeria*, revelam incompatibilidades com o racialismo oitocentista. Relendo e publicando textos inéditos ou esquecidos do autor, sem reedições e reimpressões há décadas – algo que Corrêa também já havia demandado mais de uma vez Corrêa (2006) –, Oda (2009: 761) atentou-se detalhadamente às observações clínicas e etnográficas do antropólogo que forneceram ao mesmo "subsídios para questionar algumas ideias correntes, de certa forma tornando mais complexas as noções de inferioridade da raça negra e das consequências negativas da mestiçagem".

Entre seus argumentos, a defesa de Nina da manifestação do delírio paranoico sistematizado em negros, revela uma visão mais aprimorada da *psicopatologia*, não aceita por alienistas do porte de João Carlos Teixeira Brandão, Henrique Roxo e Franco da Rocha, os quais alegam que tais distúrbios eram um privilégio dos brancos, posto a inferioridade mental dos negros (Oda; Dalgalarrondo, 2004: 150). Não menos importante foi a rejeição de Rodrigues sobre a validade da "teoria do retorno atávico", muito comum entre os especialistas e que significava o regresso mental do doente a formas semelhantes do homem primitivo ancestral (Oda, 2009: 761-762).

De maneira geral, Rodrigues chega à conclusão de que havia, em todo esse quadro teórico, camadas que precisavam, em alguma medida, ser mais exploradas e matizadas (Rodrigues, 2004a, 2004b, 2004c). Segundo Oda e Dalgalarrondo (2004: 156:157):

> […] baseado em sua experiência clínica ele [Nina Rodrigues] ressalva que estes [os negros] eram, sim, capazes de produzir uma psicopatologia complexa e elaborada, desde que viessem de certos grupos africanos culturalmente "superiores" – como os sudaneses, ou tivessem um nível educacional elevado ou, enfim, fossem produtos de mestiçamento com brancos, o que elevaria sua capacidade intelectiva.

As indagações do paradigma rodrigueano em vários domínios do conhecimento têm no trabalho da historiadora estadunidense Anadelia Romo (2020), uma contribuição valorosa. Em seu livro *Brazil's Living Museum*[5], resultado de sua tese de doutorado de 2010, ela apresenta ao leitor o processo de revalorização da herança cultural negra em terras baianas na primeira metade do século XX. Suas raízes, afirma, encontram-se no final do XIX e nas mudanças do conceito de *raça* pela elite médica. Nina Rodrigues tem um papel central enquanto um célebre racialista, paradoxalmente atuando junto aos médicos reformadores

identificados com a Escola Tropicalista Baiana (ETB), escola esta que não tinha a categoria racial como pilar de suas formulações teóricas e práticas[6].

Ao tratar da produção intelectual do perito e sua influência, a autora usa uma estratégia análoga à de Julyan Peard, citada anteriormente, ou seja, com foco nas primeiras obras rodrigueanas. Porém, ao contrário desta, Romo faz uma leitura inversa e chega à conclusão não de um determinista-racial convicto, mas um participante ativo de profundas reformas sociais e urbanas no intuito de combater a pobreza e as doenças epidêmicas ignoradas pelo poder público. Nina Rodrigues, o *sanitarista* (Fonseca, 1995) e o *epidemiologista* (Jacobina; Carvalho, 2001), aquele que vai à campo, não o acadêmico/antropólogo de gabinete, se aproxima dos tropicalistas tendo no horizonte algo para além do esquadrinhamento das deformidades e monstruosidades das raças primitivas.

A autora defende que o etnólogo, embora crente no racialismo, lutou pela criação de instituições médicas modernas, pelo estabelecimento de uma infraestrutura pública de saneamento e na execução de projetos higiênicos e profiláticos para toda a população soteropolitana, incluindo negros e mestiços. Esta constatação, é preciso lembrar (pois a autora não o faz), já havia sido sinalizada por Mariza Corrêa, quando esta afirmou que a "mistura de raças" não foi o principal e nem o único tema na produção acadêmica do médico[7]. Assim, segundo Romo (2020: 50), o seu pensamento era "surpreendentemente multifacetado: suas preocupações se manifestaram tanto nos fatores "ambientais" quanto em questões de raça".

Como se vê, as tradicionais interpretações do pensamento rodrigueano, esculpidas por várias mãos, vagarosamente no tempo, vem sendo questionadas por trabalhos acadêmico-científicos de excelência. Os ângulos de análise também variam, porém mantendo em perspectiva explorações aprofundadas. A historiadora Vanda Fortuna Serafim, na obra *Revisitando Nina Rodrigues* (2013), fruto de sua tese de doutorado, também se afasta de um modelo pré-estabelecido, com intuito de apresentar um autor que demonstrou afinidade teórica muito maior do que se imaginava com a escola antropológica cultural inglesa, liderada por Edward B. Tylor, já mencionado neste artigo.

Focada nos trabalhos mais densos do antropólogo maranhense, Serafim encontra paralelos entre as visões de mundo rodrigueana e tylorista. Ambos tomavam as religiões de origem africana como exemplos de "sobrevivências" de linhagens primitivas, possibilitando em pleno século XIX, um estudo comparativo destas com o monoteísmo católico brasileiro e o puritanismo vitoriano inglês. O ideário evolucionista, elaborado por Tylor e readaptado por Nina, consagrava os animismos e fetichismos em um escala inferior de progressão, de estágios pré-estabelecidos – selvagerismo, barbarismo e civilizatório –, o que, todavia, não impedia as

raças "primevas", mestiçadas ou não, de avançarem na escala da evolução religiosa. (Tylor, 1977a, 1977b)

Voltando agora os olhos para o que era tratado na época como o domínio da psicologia criminal ou criminologia evolucionista, contemplado por Nina Rodrigues, a socióloga Helga Cunha Gahyva traz uma contribuição original. Em artigo sobre as investigações do rábula Evaristo de Moraes e de Nina Rodrigues acerca do comportamento criminoso de Marcelino Bispo – autor do atentado contra Prudente de Moraes em 1897 –, a autora afirma que se as escolhas teóricas, embasadas nas escolas de antropologia criminal italiana e francesa eram as mesmas para a dupla, porém as conclusões a que ambos chegaram foram distintas e, ao fim, revelaram muito do pensamento emaranhado do médico maranhense.

Evaristo de Moraes serve-se de um autor caro à Nina, o jurista italiano Scipio Sighele (1868-1913), para concluir que o anspeçada foi influenciado diretamente pelo radical florianista, capitão Diocléciano Mártir e indiretamente pelo tenso momento político do país. Do ponto de vista da psicologia fisiológica, formara-se a *coppia criminale* (o par criminal). Já Nina Rodrigues, servindo-se de Sighele, Lacassagne e Enrico Ferri (1856-1929), não rompe seus laços com a funcionalidade das características hereditárias, mas distribui melhor o peso destas com os fatores sociopsicológicos. Segundo a autora:

> Apesar de o próprio Evaristo, em suas memórias, insistir nas similaridades entre sua abordagem e a de Nina Rodrigues sobre Marcelino Bispo, as análises que produziram sobre ele revelam formas distintas de seleção do repertório da antropologia criminal. No primeiro caso, viu-se que a consideração do médico pelos fatores sociológicos alia-se à permanente importância que confere aos elementos étnicos na gênese do comportamento criminoso. Já no opúsculo do rábula, nota-se o silêncio de Evaristo quanto aos atributos raciais de seu cliente (Gahyva, 2018: 384).

Foram citados ao longo deste texto alguns autores e linhas teóricas mais importantes para Nina Rodrigues e indispensáveis para o entendimento do intérprete pelos seus intérpretes. Vemos que a compreensão de suas complexas proposituras é incompleta se nos restringirmos apenas aos intelectuais comprometidos com o darwinismo social. Há uma variedade significativa de pensadores europeus e brasileiros que não dialogam em nenhum nível teórico – ou o fazem em uma proporção muito reduzida, não sem extensos conflitos –, mas aparecem lado a lado, com o mesmo mérito, no conjunto da obra rodrigueana. Filipe Pinto Monteiro, em sua tese de doutorado e em artigos recentes, pondera a necessidade de uma leitura meticulosa de todo esse complexo de referências que possibilitaram ao médico-sociólogo compatibilizar o incompatível – ainda que para os pesquisadores atuais, tal esforço pareça não fazer sentido (Monteiro, 2016, 2020, 2022; Monteiro; Henrique, 2025).

CC BY

É muito significativo quando Rodrigues opera com os conceitos e experimentos do sociólogo francês Gabriel Tarde (1843-1904), no intuito de entender como funcionavam as leis da imitação que explicariam a formação das multidões (Tarde, 1907: 111, 238) – caso de Canudos, Belo Monte, 1893-1897, ou da Epidemia de Dança de Itapagipe, Salvador, 1882 (Monteiro, 2024). Tarde é claro quanto ao assunto: os desvarios coletivos são de todas as épocas e de qualquer raça ou clima, fosse em Roma, na Idade Média, durante a Reforma Protestante, ou qualquer outro contexto (Tarde, 2005: 166-167). Segundo Monteiro (2016: 202):

> Sendo Nina Rodrigues leitor assumido de Tarde é possível imaginar o impacto que este discurso anti-determinista teve em suas reflexões. O médico maranhense não só concorda sobre a facilidade com que as paixões se transmutam em estados de excitação e violência a partir de múltiplos fatores, mas, para nossa surpresa, aponta para elementos além da predisposição e da hereditariedade para explicar a existência desses mesmos estados. Sobre os indivíduos envolvidos em acessos coletivos, Nina chega ao ponto de afirmar: "Não a trouxeram do berço".

Não à toa, para Monteiro, Nina Rodrigues é qualificado como um "racialista vacilante". Vacila, mas não esmorece. De um lado, fiel adepto da degeneração física e mental das raças inferiores, de outro, defensor de uma escala evolutiva acessível a qualquer ser "rudimentar" puro ou híbrido – caso dos mestiços superiores do Brasil ou, de acordo com Tylor, dos negros africanos e sua proximidade mental com os campesinos incultos da Inglaterra. Leitor inveterado dos partidários mais exacerbados da extinção de populações doentes, voltou-se, em diversos momentos de sua trajetória, especialmente no período adiantado de sua carreira, àqueles intelectuais que defrontaram suas certezas mais arraigadas.

Considerações finais

A apreciação das distintas estratégias criadas para a interpretação da obra rodrigueana comporta vetores e recortes variados, seja do ponto de vista epistemológico, geracional, ou ambos. Todos são contemplados no domínio do Pensamento Social Brasileiro, no caso específico deste artigo, a partir da devida historicização da(s) família(s) intelectual(ais), ainda que, de acordo com Heloisa Pontes (1997: 59), "às tradições nacionais sobrepõem-se clivagens de ordem política, maneiras distintas de definir o núcleo central da atividade cultural, abordagens diversas em função da especificidade do objeto analisado (ciência, arte, literatura etc.)".

Não se pode ignorar que ainda há um percurso longo, mas contínuo, de historiadores nesse universo perpétuo dos estudos sobre os intérpretes brasileiros de maior renome. (Brasil Jr.; Jackson; Paiva, 2020) Tal é o que se retém dos ensaios sobre cientistas como Nina

Rodrigues. Um brevíssimo balanço de autores citados em *O animismo fetichista* já é suficiente. Apenas nesta obra, não foram alinhados nomes que se encontram em níveis divergentes de apreensão das relações humanas, com uma fortuna crítica inexplorada, em diferentes contextos, como o psicólogo alemão Theodor Waitz (1821-1864), o antropólogo Julien Girard de Rialle (1841-1904), o psiquiatra francês Pierre Briquet (1796-1881), entre tantos outros.

É justamente através de Nina Rodrigues que tais pensadores são selecionados – o que é surpreendente, dado que muitos sequer foram reconhecidos na Europa de seu tempo, sendo lidos, manuseados pelo médico maranhense – e abrasileirados numa tentativa de explicação de uma sociedade tropical, mestiçada e, naturalmente, desigual. Lombroso, Charcot, Morel, Le Bon, todos estes já conhecidos e devassados, moldaram uma imagem incompleta do médico maranhense, que não o explica inteiramente. É preciso, portanto, dar atenção a outras perspectivas investigativas que ele adotou e que ensejem o interesse por seu estratagema interpretativo.

Tal qual sua visão de mundo, seus sujeitos-objetos de ciência, Nina Rodrigues, embora não fosse "mulato" (Lima, 1984), como muitos ainda advogam, tornou-se uma figura mitológica. Ora pessimista em relação aos negros e mestiços degenerados, ora otimista com aqueles "tipos" fortes e inteligentes, citadinos, candidatos à civilização, transmutou-se, em vinte anos de carreira, ele próprio, em um ser híbrido do ponto de vista intelectual. Meio homem, meio criatura, na qualidade de observador e depois observado, uma figura quase cosmológica ou "estelar", nas palavras de Carneiro (1968: 98), assim como os monumentos das terras desérticas do Egito Antigo, converteu-se, no tórrido território tropical, em uma esfinge da intelectualidade brasileira.

Conflitos de interesse: Nada a declarar.
Fonte de financiamento: Nenhuma.
Contribuição dos autores: Não se aplica.
Disponibilidade de dados: Os dados que suportam os resultados deste estudo estão disponíveis mediante solicitação ao autor correspondente.

Notas

1 É preciso registrar que Dante Moreira Leite (1969: 216), em *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*, de 1954, ao aproximar a interpretação do sertanejo feita por Euclides da Cunha com a do negro feita por Nina Rodrigues, supõe que este último "chegasse

a contradições semelhantes àquelas indicadas por Euclides da Cunha: uma teoria errada para dar conta de uma realidade que a teoria européia negava". Não há, no entanto, nenhuma reflexão profunda do autor sobre a questão.

2 Schwarcz dedicou tempo considerável em análises dos embates entre a escola antropológica de Nina Rodrigues e suas concepções biologizantes do direito penal brasileiro, e os "homens de lei" da nascente república brasileira, adeptos do jusnaturalismo, inspirados pela Escola de Direito do Recife. Ver Schwarcz (2003, 2006, 2007) e Paula (2011).

3 No original: Because he is best known for his later pioneering work in Afro-Brazilian ethnology and Brazilian legal medicine, Nina Rodrigues's early writings have been largely ignored. Yet it is these writings, emerging from his clinical practice, that reveal Nina Rodrigues's early preoccupation with the question of race, a preoccupation that would lead him more and more toward the determinism of nineteenth-century anthropology and racial science.

4 Em *Ilusões da liberdade*, a autora afirma: "O balanço mais ponderado sobre o trabalho de Nina Rodrigues me parece ser o de Carneiro (1964), que explicitamente se desvinculava da 'escola', afirmando que ele tinha sido uma invenção de Arthur Ramos" (Corrêa, 2013: 297).

5 Aqui utilizamos a recente edição traduzida para o português (Romo, 2020).

6 A Escola Tropicalista Baiana se estabeleceu por volta da década de 1860 como um núcleo informal de médicos devotados à pesquisa e profilaxia de doenças tropicais que acometiam a população pobre e escrava, como beribéri, lepra, entre outras. A designação "tropicalistas" se deu *a posteriori*, com a divulgação de pesquisas pela *Gazeta Médica da Bahia*, criada em 1866. O médico maranhense contribuiu por anos no periódico, tornando-se "redator-gerente" entre 1890 e 1893. Ver Barros (1997), Edler (2002) e Peard (1990).

7 Romo (2020: 53), inclusive, faz uma interpretação que consideramos equivocada ao colocar Corrêa entre os autores que interpretavam Nina Rodrigues como um adepto rigoroso do determinismo.

Referências

AZEVEDO, Thales de. *As ciências sociais na Bahia. Notas para a sua história.* Salvador: Universidade da Bahia, 1964.

BACELAR, Jeferson Afonso. *Nina Rodrigues: um intelectual do mundo (Sociologia de um intelectual baiano*). 1977. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Ciências Humanas, Salvador, 1977.

BARROS, Pedro Motta de. Alvorecer de uma nova ciência: a medicina tropicalista baiana. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 411-459, 1997.

BRANDÃO, Gildo Marçal. Linhagens do pensamento político brasileiro. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 48, n. 2, p. 231-269, 2005.

BRASIL JR., Antonio; JACKSON, Luiz Carlos; PAIVA, Marcelo. O pequeno grande mundo do Pensamento Social no Brasil. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais – BIB*, São Paulo, v. 91, p. 1-38, 2020.

CARNEIRO, Edison. Homenagem a Nina Rodrigues. *In*: CARNEIRO, Edison (org.). *O negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940. p. 331-334. Trabalhos apresentados ao 2° Congresso Afro-brasileiro (Bahia).

CARNEIRO, Edison. *Ladinos e crioulos*: estudos sobre o negro no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

CARNEIRO, Edison. O negro como objeto de ciência. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 6-7, 1968.

CORRÊA, Mariza. Os livros esquecidos de Nina Rodrigues. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, n. 76, p. 60-62, 2006. Suplemento 2.

CORRÊA, Mariza. Raimundo Nina Rodrigues e a "garantia da ordem social". *Revista USP*, São Paulo, n. 68, p. 130-139, dez./fev. 2005-2006.

CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade*. A escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.

EDLER, Flávio Coelho. A Escola Tropicalista Baiana: um mito de origem da medicina Tropical no Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 357-385, maio/ago. 2002.

FERRETTI, Sérgio. *Repensando o sincretismo*. São Paulo: Edusp, 1995.

FERRETTI, Sérgio. Nina Rodrigues e as religiões afro-brasileiras. *Cadernos de Pesquisa*. São Luís, v. 10, n. 1, p. 19-28, jan./jun. 1999.

FERRETTI, Sérgio. Nina Rodrigues e a religião dos Orixás. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, n. 76p. 56-61, 2006. Suplemento 2.

FERRETTI, Sérgio. Sincretismo e hibridismo na cultura popular. *Revista Pós Ciências Sociais*, São Luís, v. 11, p. 15-33, 2014.

FONSECA, Pedro Henrique Miranda. O sanitarista Nina Rodrigues. *Suplemento Cultural da Associação Paulista de Medicina*, São Paulo, n. 99, jul. 1995.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Maia e Schmidt, 1933.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

FREYRE, Gilberto. *Perfil de Euclides e outros perfis*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

GAHYVA, Helga Cunha. O rábula, o médico e o anspeçada suicida: Evaristo de Moraes, Nina Rodrigues e o atentado que abalou a República. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 371-389, abr./jun. 2018.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro; CARVALHO, Fernando Martins. Nina Rodrigues, epidemiologista: estudo histórico de surtos de beribéri em um asilo para doentes mentais na Bahia, 1897-1904. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-132, mar./jun. 2001.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*: história de uma ideologia. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1969.

LIMA, Estácio de. *Nina, joalheiro do espírito*. Conferência no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1934.

LIMA, Estácio de. *Velho e "Novo" Nina*. Salvador: Governo do Estado da Bahia, 1979.

LIMA, Lamartine de Andrade. *Roteiro de Nina Rodrigues*. Ensaios e Pesquisas 2. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, abr. 1984.

LINS E SILVA, Augusto. *Atualidade de Nina Rodrigues*: estudo biobibliográfico e crítico. Rio de Janeiro: Cia Editora Leitura, 1945.

MAGGIE, Yvonne ; FRY, Peter. "Apresentação". *In*: RODRIGUES, Raimundo Nina. *O animismo fetichista dos negros baianos.* Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Editora UFRJ, 2006. p. 9-26.

MAIO, Marcos Chor. A medicina de Nina Rodrigues: análise de uma trajetória científica. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 226-237, abr./jun. 1995.

MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). *Raça como questão*: história, ciência e identidades no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

MONTEIRO, Filipe Pinto. *O "Racialista Vacilante"*: Nina Rodrigues sob a luz de seus estudos sobre multidões, religiosidade e antropologia (1880 – 1906). 2016. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016.

MONTEIRO, Filipe Pinto. O "racialista vacilante": Nina Rodrigues e seus estudos sobre antropologia cultural e psicologia das multidões (1880-1906). *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 21, p. 193-215, 2020.

MONTEIRO, Filipe Pinto. História do (e no) pensamento social: estratégias teórico-metodológicas para uma releitura do paradigma racial em Nina Rodrigues (1880-1906). *Revista de História (UNESP)*, São Paulo, v. 41, p. 1-17, 2022.

MONTEIRO, Filipe Pinto. A epidemia de dança de Itapagipe. Raça, loucura e religião (Salvador, 1882). *Afro-Ásia*, Salvador, n. 70, p. 157-192, 2024.

MONTEIRO, Filipe Pinto; HENRIQUE, Márcio Couto. Nina Rodrigues e os Índios do Brasil. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 68, e20220091, 2025.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. *Alienação mental e raça*: a psicopatologia comparada dos negros e mestiços brasileiros na obra de Raimundo Nina Rodrigues. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Médicas) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. Passado e presente na psicopatologia da paranoia. *Revista Latinoamericana Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 759-765, dez. 2009.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. Uma preciosidade da psicopatologia brasileira: A paranóia nos negros, de Raimundo Nina-Rodrigues. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, ano VII, n. 2, p. 133-144, jun. 2004.

PAULA, Richard Negreiros de. *Paciente duplicado*: psiquiatria e justiça no Rio de Janeiro, entre as décadas de 1890 e 1910. 2011. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

PEARD, Julyan G. *The Tropicalista School of Medicine of Bahia, 1860-1889*. Columbia, USA: UMI, 1990.

PEARD, Julyan G. *Race, place and medicine*. The idea of the tropics in nineteenth-century brazilian medicine. Durham: Duke University Press, 1999.

PONTES, Heloisa. Círculos de intelectuais e experiência social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais,* v. 12, n. 34, p. 57-69, 1997.

PORTELA, João Bacellar. O sábio Nina Rodrigues. *In*: *Conferências Nina Rodrigues*. São Luís: Academia Maranhense de Letras, 1956.

RAMOS, Alberto Guerreiro. O problema do negro na sociologia brasileira. *Cadernos de Nosso Tempo*, [*s. l.*], n. 2, p. 189-220, jan./jun. 1954.

RAMOS, Arthur. Prefacio. *In*: RODRIGUES, Raimundo Nina. *As coletividades anormais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939. p. 5-21.

RODRIGUES, Raimundo Nina. *As coletividades anormais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939.

RODRIGUES, Raimundo Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Instituto Nacional do Livro, 1976.

RODRIGUES, Raimundo Nina. A paranóia nos negros: estudo clínico e médico-legal. Parte 1. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, ano VII, n. 2, p. 161-178, jun. 2004a.

RODRIGUES, Raimundo Nina. A paranóia nos negros: estudo clínico e médico-legal. Parte 2. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, ano VII, n. 3, p. 131-158, set. 2004b.

RODRIGUES, Raimundo Nina. A paranóia nos negros: estudo clínico e médico-legal. Parte 3. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, ano VII, n. 4, p. 217-239, dez. 2004c.

RODRIGUES, Raimundo Nina. *O animismo fetichista dos negros baianos.* Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Editora UFRJ, 2006. p. 9-26.

ROMO, Anadelia Alicia. *O museu vivo da Bahia*: raça, reforma e tradição. Salvador: EDUFBA, 2020.

SANTOS, Itazil Benício dos. Nina Rodrigues: criador e chefe de escola. *In*: SANTOS, Itazil Benício dos. *Vultos e fatos da medicina brasileira.* Rio de Janeiro: Editora Pongetti, maio 1962. p. 59-64.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil. uma história das teorias raciais em finais do século XIX. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 18, p. 77-101, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz . Raça como negociação. Sobre teorias raciais em finais do século XIX no Brasil. *In*: FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 11-40.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo da miscigenação. *In*: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol (org.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. p. 165-180.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Quando a desigualdade é diferença: reflexões sobre antropologia criminal e mestiçagem na obra de Nina Rodrigues. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, ano 140, n. 76, p. 47-53, 2006. Suplemento 2.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nina Rodrigues e o direito penal: mestiçagem e criminalidade. *In*: ALMEIDA, Adroaldo J. S.; SANTOS, Lyndon de A.; FERRETTI, Sérgio F. (orgs.). *Religião, raça e identidade*: colóquio do centenário da morte de Nina Rodrigues. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 37-52.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nina Rodrigues e o Animismo fetichista dos negros baianos (resenha). *Revista de Antropologia (USP. Impresso)*, São Paulo, v. 50, p. 881-887, 2009a.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nina Rodrigues: um radical do pessimismo. *In*: BOTELHO, A.; SCHWARCZ, L. M. (org.). *Um enigma chamado Brasil*: 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009b. p. 90-103.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; BOTELHO, André. Simpósio: cinco questões sobre o pensamento social brasileiro. *Lua Nova. Revista de cultura e política*, São Paulo, n. 82, p. 139-159, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário*: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2013.

SKIDMORE, Thomas. Brazilian intellectuals and the problem of race, 1870-1930. *Occasional Paper*, Nashville, n. 6, p. 1-8, 1969.

SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco*: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930). São Paulo: Cia das Letras, 2012.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de; LIMA, Nísia Trindade. Memórias de um antropólogo na primeira metade do século XX as "Notas e Opiniões" de Edgard Roquette-Pinto nas páginas do Jornal do Brasil. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 29, n. 49, p. 247-275, jan./abr. 2013.

STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia*: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

TARDE, Gabriel. *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TARDE, Gabriel. *Las Leyes de la imitación*: estudio sociológico. Madrid: Editora Daniel Jorro, 1907.

TYLOR, Edward Burnett. *Cultura Primitiva*. Los Orígenes de la cultura (1). Madrid: Editorial Ayuso, 1977a.

TYLOR, Edward Burnett. *Cultura Primitiva*. La religión en la cultura primitiva (2). Madrid: Editorial Ayuso, 1977b.

VALENTE, Waldemar. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical*. História cultural e polêmicas literárias no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.